

Brincar, educar e investir na infância: biopolítica

Playing, educate and invest in childhood: biopolitics

Daniele Vasco Santos, Flavia Cristina Silveira Lemos, Rafaela Aquime Habib, Mariane Bittencourt Couto

Resumo

O artigo apresenta uma análise do brincar, da brincadeira e do brinquedo na esfera da biopolítica. Salienta a utilização instrumental do lúdico com o objetivo de formar crianças em infância. Problematisa-se a apropriação do brincar e do brinquedo na mediação do processo de desenvolvimento das crianças, tendo em vista, transformar corpos e conhecimento em capital humano. A educação se torna investimento e as crianças matéria de adequação social, uso político e instrumento de lucro, em uma sociedade neoliberal. Essas práticas são sustentadas por saberes e poderes, os quais psiquiatrizam e psicologizam a existência. A ação sobre o desenvolvimento é uma prática recorrente na medicalização da criança, na figura da infância, criada historicamente.

Palavras-chave

Brincar, Biopolítica, Infância.

Abstract

The article presents an analysis of the play, the play and toy in the sphere of biopolitics. Stresses the instrumental use of the playful with the goal of training children in infancy. Discusses is the appropriation of play and toy in mediating the children's developmental process in order to transform bodies and knowledge in human capital. Education becomes investment and children matter of social fairness, political use and profit instrument, in a neoliberal society. These practices are supported by knowledge and power, which psychiatric and psychology existence. The action on development is a recurring practice in child medicalization in childhood figure, created historically.

Keywords

Play, Biopolitics, Childhood.

Daniele Vasco Santos

Universidade Federal do Pará

Doutoranda em Educação/UFPA. Pós-doutoranda em Psicologia/UFPA. Mestre em Educação/UFPA. Psicóloga/UFPA.

danielevasco@yahoo.com.br

Flavia Cristina Silveira Lemos

Universidade Federal do Pará

Psicóloga. Mestre em Psicologia Social e Doutora em História cultural/UNESP. Profa. de Psicologia Social adjunta IV/UFPA na graduação e pós-grad. em educação e em psicologia. Bolsista de produtividade em pesquisa CNPQ2.

flaviacslemos@gmail.com

Rafaela Aquime Habib

Universidade Federal do Pará

Psicóloga/UNAMA. Mestre em Psicologia/UFPA. Doutoranda em Psicologia/UFPA.

rafaeleaquime@hotmail.com

Mariane Bittencourt Couto

Universidade Federal do Pará

Pedagoga/UEPA; Psicóloga/UFPA. Mestranda em psicologia/UFPA.

maribatista07@hotmail.com

Introdução

O objetivo desse artigo é abordar teoricamente uma problematização do brincar, do brinquedo e das apropriações do lúdico, nas práticas sociais. As inquietações propostas nesse artigo diferenciam-se do que a literatura brasileira recentemente tem produzido a respeito da importância do brincar, do brinquedo, do lúdico. Em geral, o brincar, o brinquedo e o lúdico são apresentados pela égide do construtivismo e da psicanálise, nos textos e análises.

A vertente analítica, a partir dos processos educativos ou das intervenções, no âmbito da saúde pensa como os brinquedos e o brincar comumente emergem, no contexto no qual eles constituem-se como ferramentas educativas ou clínicas: brinquedos para aprender, brinquedos e brincadeira para extração da verdade, brinquedos e brincadeira para processos de reabilitação ou nos processos de intervenções hospitalares etc. Assim, essa perspectiva opera pela funcionalidade e utilização aplicada do brinquedo e do brincar.

Chama-nos a atenção o processo de proliferação de brinquedos associados aos programas televisivos, voltados ao público infantil, com marca forte da homogeneização; sendo produzidos por meio de processos industrializados, objetos rapidamente substituídos pelas ofertas das empresas de fabricação especializada. Surgidos originariamente de fundidores de estanho, oficinas de entalhadores, confeitários com suas figuras de doces, o fabricante de velas e as bonecas de cera, antes do século XIX os brinquedos não eram função de uma única indústria, não eram, portanto, função de comerciantes específicos (BENJAMIM, 2009).

Abrimos esse texto com um fragmento de Benjamin (2009) do seu livro *Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação*, um conjunto de ensaios produzidos entre 1913 e 1932, por entendermos que a ideia da produção de saberes envolvida na constituição de objetos para crianças faz-se cara à discussão aqui proposta. E ainda por nos remeter ao questionamento acerca da suposição de que os brinquedos são produzidos em função das necessidades das crianças e à afirmação da relação do brinquedo com a cultura econômica, conforme apontou Benjamin.

Estabelecemos intercessões com Michel Foucault para pensar como um determinado conjunto de respostas é produzido para um conjunto de problemas, dificuldades, constituindo-se a problematização como uma tarefa analítica, um trabalho específico do pensamento, estranhando. Por exemplo, o modo como no presente construímos um conjunto de práticas educativas direcionadas a grupos específicos de crianças. Ou de modo mais geral, como no presente os modos educar crianças diferencia-se de outras práticas existentes (FOUCAULT, 2006a).

Assim, este trabalho problematiza os modos como fazemos contemporaneamente a gestão da infância, tendo o brinquedo como dispositivo de investimento no capital humano e estratégia biopolítica, assinalando mecanismos de saber-poder, por meio de práticas tidas como educativas, que constituem crianças normalizadas, a partir da ótica neoliberal.

Criança e infância: figurações históricas

Como bem mostrou Philippe Ariès (1981), foram necessárias modificações na ideia de infância, emergindo como uma trama histórica e social, quando o pequeno adulto, sem função específica na família se converte em um sujeito produzido e orientado pela razão, dependente, frágil, aprendiz, que precisa ser orientado, cuidado, ensinado, por ser incapaz de governar-se e cuidar de si mesmo.

A criança passa a ser um objeto de conhecimento a ser explicado, conhecido e, conseqüentemente, objeto de intervenção, sendo seus corpos alvo de vigilância e controle. Com a emergência de uma moral do corpo, em forma de higiene e limpeza, a infância principia a ser medicalizada. Nesse sentido, podemos pensar a emergência da infância, com a criança como objeto de saber, atendendo às necessidades de poder: conhecê-la para governá-la (DORNELES, 2008).

A infância assinalada como uma fase da vida, em uma perspectiva evolucionista, contemplando aspectos cognitivos, emocionais e biológicos, passa a ser vista pela lógica do desenvolvimento humano e tem como expressão de sua essência a ingenuidade e o brincar. Em artigo que problematiza a apropriação do brincar como instrumento de disciplina, normalização e controle, Lemos (2007) assinala que o brincar se torna fonte de produção de saberes-poderes, tornando-se alvo de preocupação não só de especialistas, mas de pais, mães, educadores e diversas instituições.

O olhar que examina incessantemente as crianças em suas brincadeiras envolve saberes de médicos, psicopedagogos, neurologistas, psiquiatras, psicólogos, professores, dentre outros. Como afirma Lemos (2007), trata-se de uma gestão calculada dos atos mais capilares e cotidianos das crianças. Em suas palavras:

O brincar teria sido esquadrihado pelos olhares vigilantes e avaliadores, entrando em um regime de visibilidade contínua. Como as crianças brincam, quando, com quem, com quais instrumentos, em que idade passou a ser matéria de interesse dos pais, dos educadores, de psicólogos, de médicos, de agentes de organismos de proteção social, entre outros. O brincar foi ordenado no tempo e no espaço, organizado e dirigido com fins bem delimitados, objetivando e subjetivando pequenos corpos nas semióticas capitalistas (LEMOS, 2007, p. 88).

As crianças são governadas na medida em que por meio de práticas disciplinares tais como exame, vigilância e da confissão, como postas por Foucault (2008b) em *Vigiar e Punir*, por meio de práticas pedagógicas e métodos de ensino efetivados pelas escolas, da família e práticas medico-higienistas, mas também por outras estratégias sutis e em um mercado variado de ofertas destinadas ao objeto designado de infantil.

Dessa ampla oferta, na qual as práticas de saber e poder operam por meio sutis, elegemos os brinquedos como alvo de preocupação e análise, partindo do entendimento de que estes funcionam como dispositivos que englobam um conjunto diversificado de discursos, enunciados científicos, proposições morais, instituições, acerca do que é uma criança e como ela deve ser útil ao sistema político e econômico vigente.

Pensamos então os brinquedos como investimento na formação, em processos educativos, que apostam na constituição de sujeitos com certas habilidades que no futuro garantam aumento de renda e acesso ao capital físico e privilégios. Assim, investir em capital humano é adquirir no curso de vida, por meio de estímulos adequados, oferecidos pelos brinquedos, de acordo com a lógica neoliberal que aposta nos indivíduos como uma espécie de empresários de si, investindo em si mesmo (FOUCAULT, 2008; FRIGOTTO, 1989).

Sendo assim, este trabalho pretende fazer anotações a respeito de pistas ofertadas no site da marca de brinquedos Fisher-Price, como ponto de partida para problematizarmos os brinquedos como dispositivos de investimento em capital humano. Não analisaremos o site em seu inteiro teor, mas tão somente, tomamos como analisadores alguns dos dispositivos que nos permitam interrogar a respeito das relações de saber-poder que constituem os brinquedos.

Esperamos que esse trabalho possa ser desdobrado em outros e que possa contribuir para a discussão e criação de processos formativos que subvertam essa lógica neoliberal da estimulação para a produção. E como afirma Lemos (2007) apostar no brincar e na brincadeira como experimentação e dispositivos de resistência aos controles sociais ampliando novas formas de pensar, sentir e agir.

O brincar, o brinquedo e a brincadeira: investimento, educação e empresa

Os brinquedos que analisamos são de produção estrangeira, não fazendo parte da ABRINQ, uma vez que a marca/empresa é considerada como importadora. A partir de 2013, esta empresa passou a produzir uma de linha para bebês, antes comercializada na China. Estamos falando da empresa Mattel que tem a Fisher-Price como uma de suas marcas e o Brasil como o seu maior mercado. Trata-se de uma companhia de marcas mais do que uma indústria de brinquedos com alto lucro em licenciamentos de produtos/brinquedos; somente, em 2012, faturou 6,4 bilhões de dólares, sendo que 1 bilhão, na América Latina.

A Fisher-Price existe “para deixar a infância divertida e rica em aprendizados”, segundo o site desta empresa indica. A marca oferece uma diversidade de produtos que abrange do nascimento até mais de 05 anos, fabricando produtos voltados para o aprendizado dos bebês com vistas a comercializar uma linha de produtos educativos, a linha Educar e Aprender, a qual seria um investimento no futuro da criança na medida em que visa desenvolver certas habilidades com foco na noção de capital humano.

A linha Aprender e Brincar da Fischer-Price apresenta, em sua página oficial, o aprendizado como mote principal do brinquedo e da brincadeira. Como acontecimento diário, a aprendizagem dá-se “com ajuda desses brinquedos, em um aprendizado que acontece no quarto, cozinha, brinquedoteca, no quintal, em todos os lugares”, cujos temas trabalhados são: letras, cores, formas, números, as primeiras palavras e a socialização.

Um primeiro aspecto que chama atenção trata-se dos modos de apresentação dos brinquedos. Aos interessados em adquiri-los, oferta-se uma apresentação que pode ser por faixas etárias, por categorias (“brinquedo de bebê de sentar”, “deitar e brincar”, “ficar em pé”) ou brinquedo por tipo (“brinquedos educativos”, “brinquedos de berço e móveis”, “apoioadores”, “brinquedos de desenvolvimento”). O brinquedo “O potinho das formas”, por exemplo, tem a indicação de faixa etária de 6-36 meses, pode ser encontrado no ícone por faixa etária, em “brinquedos de sentar” ou em “brinquedos educativos”. Em sua descrição temos:

Colocar a mão dentro deste sorridente pote de bolachas faz com que o bebê receba um agrado especial – aprendizado divertido e com uma surpresa mágica! Dois modos diferentes ensinam sobre formatos ou números, as canções ensinam sobre fazer com que as coisas aconteçam e frases divertidas são garantia de risadas. O bebê aprende a identificar e separar 5 formas, recebendo recompensas divertidas para cada sucesso. Basta encaixar as forminhas para que a música comece a tocar! Aprender nunca foi tão divertido!

Essa mesma descrição vem na caixa do brinquedo, quando exposto nas lojas, ressaltando que o brinquedo ensina: números, formas, classificar, causa e efeito. Deste modo, situar o brinquedo por meio de categorias, tipos ou faixas etárias, pressupõe contemplar determinados aspectos do desenvolvimento que podem ser, segundo o site, físico, cognitivo ou social-

emocional. Há no site um ícone em “dicas e ferramentas”, intitulado “guia da brincadeira”.

Vemos aqui uma espécie de refinamento na noção de desenvolvimento quando os aspectos cognitivos, físicos, sociais e emocionais são descritos como: a) Habilidade ou dimensão física do desenvolvimento infantil contempla capacidades sensoriais, coordenação motora fina, coordenação motora grossa, equilíbrio e coordenação; b) A fase cognitiva do desenvolvimento: curiosidade e descoberta, imaginação e criatividade, raciocínio e resolução de problemas, aprendizagem; c) E por fim, a social e emocional: socialização e cooperação, compreensão e comunicação, auto-expressão e confiança. Segurança e felicidade.

A noção de desenvolvimento relacionada à repartição da vida dos indivíduos por fases, etapas, idades, períodos ou ciclos, está atrelada a ideia de que é possível conhecer características comuns, em diferentes cronologias da vida, construídas por meio da produção de saberes, ao longo do século XIX. Etapas da vida definidas com base nos estudos da embriologia, biologia darwiniana e lamarkiana, estatística e antropometria (GONDRA; GARCIA, 2004; GOUVÊIA, 2008).

Foucault (2006b) ressaltou que a noção de desenvolvimento possibilitou uma clivagem entre características que definem uma doença de uma não doença. Desenvolvimento como uma dimensão temporal, na qual são divididas as funções neurológicas ou psicológicas, os comportamentos, as aquisições. Dimensão temporal comum a todos, como uma regra de sucessão cronológica e um ponto ideal de chegada.

Nas palavras do autor, “o desenvolvimento é, portanto, uma espécie de norma em relação à qual nos situamos muito mais do que uma virtualidade que possuiríamos em nós” (FOUCAULT, 2006b, p. 263). Uma norma dupla, portanto, quando estabelece a comparação com o adulto e a comparação entre crianças como parâmetro de desenvolvimento.

A noção de desenvolvimento associada à noção de tempo, de evolução, reparte a vida, de modo detalhado e homogêneo, definindo como pensa cada criança em determinada idade, o que deve sentir e como deve comportar-se, expressar-se. E esta racionalidade materializa-se nos brinquedos por estes serem dispositivos constituídos por saberes acerca da infância, do desenvolvimento, da noção de humano. Dispositivo entendido como rede estabelecida entre elementos heterogêneos. Segundo Foucault (2012, p. 367):

O dispositivo, portanto, está sempre inscrito em um jogo de poder, estando sempre, no entanto, ligado a uma ou a configurações de saber que dele nascem, mas que igualmente o condicionam. É isto o dispositivo: estratégias de relações de força sustentando tipos de saber e sendo sustentadas por elas.

Produzidos em determinado momento histórico, este tipo de brinquedo que aqui analisamos é sustentado por um conjunto de saberes e pretende assumir um lugar de verdade em torno da educação de crianças. Assim, a Fisher-Price veicula em seu site artigos não apenas sobre o brincar e o brinquedo, mas sobre o desenvolvimento das crianças e como intervir em seus cuidados, em sua educação, pondo em circulação uma série de enunciados de diversos campos de saberes como o da medicina, pedagogia e psicologia. Invoca-se, desse modo, saberes que produzem efeitos de poder sobre os corpos infantis, por meio de estratégias disciplinares que operam de modo sutil e com menores possibilidade de resistências.

Em “Vigiar e Punir”, ao se interrogar sobre o que há de novo em relação ao corpo como objeto e alvo de poder no século XVIII, Foucault (2008b) nos

dá como resposta os esquemas de docilização do corpo com suas escalas, objetos e modalidades de controle, analisando os processos de objetivação no interior de rede de poderes que resultam na transformação de indivíduos em sujeitos. Os processos de objetivação utilizam técnicas de poder através de exercício de coerção sobre o corpo sem folga, na economia e eficácia de seus movimentos, velando sobre “processos da atividade mais que sobre seu resultado e se exerce de acordo com uma codificação que esquadrinha ao máximo o tempo, os espaços, os movimentos” (FOUCAULT, 2008b, p. 118).

A proposta de uma analítica do poder está situada no projeto genealógico de Foucault, em investigações sobre seus domínios específicos e a constituição dos instrumentos analíticos. Sem colocar o poder em posição secundária à economia, uma noção positiva é assumida: “o poder produz; ele produz realidade; produz campos de objetos e rituais de verdade” (FOUCAULT, 2008b, p.161). A noção de positividade refere-se à capacidade de uma ação produzir algo, sem ligar-se a um juízo de valor, em contraposição a uma “negatividade”. E, neste sentido, nem o Estado nem sujeitos ou classes sociais detêm única e exclusivamente essa capacidade de produção, ou seja, o poder permeia todo o corpo social a partir de diferentes focos (FOUCAULT, 1999).

Destarte, no nascimento do que o filósofo chamou de “anatomia política” do corpo, que o torna mais obediente e útil, as disciplinas como mecanismos de poder têm seu momento histórico. Elas tornam o corpo alvo do poder, aumentando suas forças – em termos de utilidade econômica – e diminuindo-as em termos políticos de obediência, oferecendo-o a novas formas de saber. A invenção dessa anatomia política deu-se, conforme o autor,

A partir de uma multiplicidade de processos muitas vezes mínimos, de origens diferentes, de localizações esparsas, que se recordam, se repetem, ou se imitam, apoiam-se uns sobre os outros, distinguem-se segundo seu campo de aplicação, entram em convergências e esboçam aos poucos a fachada de um método geral (FOUCAULT, 2008b, p. 119).

As técnicas disciplinares “adestram” muito mais que retiram e se apropriam, através de seus instrumentos (o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame), dividindo os indivíduos no espaço, do controle das atividades, capitalização do tempo e da composição de forças para a obtenção de um aparelho eficiente (FOUCAULT, 2008b). Importante atentar ao trabalho da disciplina sobre o corpo, fabricando o tipo de sujeito necessário ao funcionamento e à manutenção da sociedade capitalista

Nesse sentido é que o conceito de capital humano nos interessa e sustenta a argumentação central deste trabalho de que o tipo de brinquedo que analisamos torna-se um dispositivo de investimento em capital humano, uma vez que sua utilização objetiva investir na educação de crianças como capital humano, para que crianças da mais tenra idade possam desenvolver determinadas habilidades que no futuro tragam “retornos”. Gaudêncio Frigotto, em seu livro *A produtividade da escola improdutiva: um (re)exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista* (1989) vai examinar as teses básicas da teoria do capital humano, com apoio nas obras de Smith, J. Stuart Mill e A. Marshall.

Tal teoria trata-se de um desdobramento da teoria econômica aplicada à educação e surge no Brasil na década de cinquenta, século XX, e constitui-se num desdobramento da teoria neoclássica do desenvolvimento econômico, que prevê a passagem de um estágio tradicional ou pré-capitalista por meio de um aumento necessário da desigualdade com a acumulação de grandes taxas. A ideia é que haveria uma redistribuição de

riquezas com o aumento de produtividade. Sendo a análise das relações dos avanços educacionais e o desenvolvimento econômico de um país, o conceito de capital humano torna-se construtor básico da economia da educação.

Tomando as formulações de Theodore Schultz, um dos pioneiros da teoria do capital humano, premio Nobel em economia em 1979, Frigotto (1989, p. 39), nos mostra como conceito de capital humano tornou-se caro às teorias da educação, quando Schultz percebeu que as pessoas faziam investimentos educacionais, o que gerava efeitos no crescimento econômico:

A observação de que o somatório imputado à produtividade do estoque de capital físico e estoque de trabalho da economia, ao longo de determinado tempo, explicava apenas uma parcela do crescimento econômico desta economia levou à hipótese de que o resíduo não explicado pelo acréscimo do estoque de capital e de trabalho poderia ser atribuído ao investimento nos indivíduos, denominado analogicamente capital humano. Esse resíduo engloba o investimento em educação formal, treinamento, saúde, etc..

Sendo assim, a educação é um investimento de melhoria de habilidades e conhecimentos objetivando aumentar futuras rendas, assemelhando-se a um investimento em (outros) bens de produção. A educação como um investimento é uma espécie de unidade básica de capital humano quando concebida como produtora de capacidade de trabalho. Os formuladores do conceito de capital humano explicam, a nível individual, as diferenças de renda e apostam na educação como alavanca econômica.

O indivíduo torna-se uma combinação de trabalho físico e educação ou treinamento, do ponto de vista da produção. Produtor assim de suas próprias capacidades de produção. Seu investimento humano é o fluxo de despesas que deve efetuar ou o Estado ou seus empregadores efetuam por ele – política de formação das empresas, linguagem gerencial – em educação para aumentar produtividade. Investir em si próprio, decisão individual, dará acesso ao capital físico e a privilégios (FRIGOTTO, 1989).

Essa noção de capital humano permite pensarmos que o processo educativo, seja ele escolar ou não, pode ser a ele atribuído a função de produzir habilidades, de transmitir determinados valores, desenvolver atitudes, que estejam atreladas a capacidade de trabalho e de produção. Nos brinquedos as marcas que os ligam a esta função dizem respeito, sobretudo, às atitudes que fornecem hábitos de funcionalidade, hierarquia, pensamento lógico, disciplina.

Vejamos, portanto, que não estamos falando de um brinquedo-dispositivo no qual a criança aprende a construir uma casa, a fazer uma cirurgia ou montar um carro. Não se trata de um aprendizado de um ofício específico, mas de aspectos intrinsecamente relacionados ao trabalho, ao sujeito do trabalho e, como veremos adiante, a um sujeito *oeconomicus*, efeito do sistema social capitalista, que trabalha em busca de proveito próprio.

Vejamos o brinquedo Laptop Aprender e Brincar. Segundo sua descrição, é “adequado” ao bebê por ser do seu tamanho, com teclas coloridas e fáceis de pressionar, ensinando números, formas, cores, nomes de objetos, letras, por meio de sons, músicas divertidas e frases de recompensa. Indicado para a faixa etária de 6-36 meses, o brinquedo possui a “função bilíngue” quando todos os comandos são efetuados em inglês. Para essa faixa etária que o brinquedo é indicado o “guia da brincadeira” nos informa que nesta fase, no aspecto cognitivo seu filho pode “saber a diferença entre seguro e perigoso” e no aspecto social e emocional “ser mais sociável com outra criança”.

Falar inglês, ser sociável, ter boa desenvoltura motora, ser criativo, ter agilidade no raciocínio lógico, confiança e boa comunicação, são alguns dos atributos comumente solicitados pelo mercado de trabalho. Estas definem atitudes funcionais às organizações da sociedade, que quanto mais cedo formarem-se, melhor. O que justifica essa produção do brinquedo-dispositivo voltado para utilização a partir do nascimento do bebê, em todos os espaços e por todos envolvidos em seus cuidados.

São habilidades e características condizentes com a nova morfologia do trabalho, como tem destacado Antunes (2010). Morfologia esta advinda das transformações profundas ocorridas em meados da década de 1970, quando no mundo produtivo o processo de acumulação de capital não pôde mais ser mantido, resultando no desemprego, precarização do trabalho e intensificação da exploração. O esgotamento do modelo taylorista/fordista – baseado na produção em massa por meio da intensificação de tarefas simples, repetitivas, cronometradas por meio de relações hierárquicas e verticalizadas – dá lugar ao trabalho polivalente, herdado do modelo toyotista, no qual o envolvimento dos trabalhadores na empresa é fundamental.

Pensar nas características, habilidades e competências que serão estimuladas no ambiente de uma criança, para que ela adquira capital humano, relaciona-se com um conjunto de aspectos, de conteúdos a serem ensinados em um programa que pretende incidir sobre esses corpos infantis, como práticas que se materializam nos brinquedos como dispositivos. Estes, como investimento em capital humano, pretendem a constituição de um sujeito polivalente, multifuncional, subordinado aos interesses da empresa flexível, que busca qualificação, empregabilidade, apto ao trabalho em equipe (funciona como mecanismo de controle, na qual cada membro faz a vigilância de seu próprio trabalho e do outro).

Gestão calculada da infância e mercado da/para criança

Quando vemos que a página oficial da Fisher-Price apresenta seus brinquedos para todas etapas da infância e em todos seus momentos – banho, alimentação – por via da prática educativa, também nos chama atenção como tal proposta direciona-se aos pais e mães quando além da venda dos brinquedos, ofertam uma espécie de “guias” para cuidar, educar. Estes, vemos nos artigos veiculados, como os intitulados: “Respostas sobre dúvidas que você nem sabia que tinha”, “Cansada? Soluções para acalmar, dormir e mais”, “Primeiras brincadeiras, atividades e brinquedos”. São artigos, vídeos on-line, aplicativos, cadastro para recebimento de e-mails.

Os enunciados “guias”, “dicas” e “ferramentas” circulam a todo tempo no site da Fischer-Price e relacionam-se com os modos de ensinar a pais, mães, responsáveis e cuidadores a cuidar, estimular, brincar. Aqui nos interrogamos a respeito desse imperativo, efetuado com certa minúcia, com a qual se ensina a brincar.

O brinquedo citado anteriormente, o “Potinho das formas”, indicado de 6 meses até 3 anos, ensina números, formas, classificações e noções de causa-efeito, tem um documento disponibilizado como “guia” e orienta como brincar. Pela imagem de uma jovem mulher e do enunciado “ajude o seu bebê”, deduzimos que é endereçado aos pais e mãe, e mais especificamente às mães. Diz-nos o “guia”: “mostre como encaixar as formas tirando-as do potinho e colocando-as novamente”, “estime o bebê contando, comparando os formatos e falando os nomes das cores”. Foucault (2008a) mostra como este tempo dedicado aos filhos pode ser analisado como investimento capaz de constituir capital humano. Em suas palavras:

Sabe-se perfeitamente que o número de horas que uma mãe de família passa ao lado do filho, quando ele ainda está no berço, vai ser importantíssimo para a constituição de uma competência-maquina, ou se vocês quiserem para a constituição de um capital humano, e que a criança será muito mais adaptável se, efetivamente, seus pais ou sua mãe lhe consagraram tantas horas do que se lhe consagraram muito menos horas (FOUCAULT, 2008a, p. 315).

Considerando que em um mundo globalizado, a noção de tempo-espaço modificada (em função do encurtamento das distancias por vias das novas tecnologias que alcançam espaços geográficos em átomos de segundos), ao mesmo tempo em que nos espaços urbanos os deslocamentos tornam-se cada vez mais demorados e as relações de trabalho transformaram-se capturando os sujeitos de modos mais intensos (os “empregáveis”, população consumidora desses brinquedos), essas “tantas horas” referidas no trecho acima citado também ficaram encurtadas.

A presença de trabalhadores em seus postos de emprego implica na ausência de mães e pais no acompanhamento diário das brincadeiras de seus filhos, substituídas por brinquedos acumulados e forjados nas indústrias. Benjamin (2009, p. 92) nos traz a ideia de emancipação do brinquedo que nos serve nesta passagem para pensar a ausência dos pais e mães nas brincadeiras e o que se passa com a presença dos brinquedos, na sociedade contemporânea:

Não há dúvida: em seus pequenos formatos, os voluminhos mais antigos exigiam a presença da mãe de maneira muito mais íntima; os volumes in quarto mais recentes, em sua insípida e dilatada ternura, estão antes determinados a fazer vista grossa à ausência materna. Uma emancipação do brinquedo põe-se a caminho; quanto mais a industrialização avança, tanto mais decididamente o brinquedo se subtrai ao controle da família, tornando-se cada vez mais estranho não só às crianças, mas também aos pais.

Trata-se de uma transformação na história dos brinquedos quando a industrialização avança, a partir do século XX. Das pequenas miniaturas o brinquedo se subtrai ao controle da família marcando um distanciamento entre crianças e seus pais, que antes construía juntos. Distanciamento este marcado também pela assunção de novas posições da família e da constituição da escola moderna (BENJAMIN, 2009).

A mudança da concepção da infância tem correspondência com uma reorganização no espaço familiar, na medida em que há interesse econômico e político na sobrevivência das crianças. Até meados do século XVIII, a família aristocrática e burguesa compunha-se de um feixe de relações de ascendência, descendência, parentesco e alianças, que correspondiam a esquemas de divisão dos bens e dos estatutos sociais. Uma nova composição familiar surge, como uma espécie de família nuclear centrada na relação direta entre pais e filhos, na qual estes devem ser educados para que sejam úteis para o Estado e passem por seu sistema de ensino (FOUCAULT, 1979).

Quando sustentamos a ideia do brinquedo como dispositivo, demarcamos seu conjunto heterogêneo, que envolve discursos sobre a infância, desenvolvimento e aprendizagem, assim como instituições com família, educação, em um design plastificado, esterilizado, inquebrável, atrativo, que revela preocupação com segurança e saúde (BROUGÈRE, 2008).

Independente de uma ação contínua ou programada a utilização do brinquedo efetua práticas: recompensa comportamentos e define conceitos, institui parâmetros e modelos. Isto em nome dos cuidados necessários para promoção integral do desenvolvimento da criança, de sua estimulação, uma

vez que “mesmo que o seu bebê não esteja preparado para reconhecer formas e números, uma exposição precoce a eles, facilita o aprendizado futuro”.

Os especialistas envolvidos em sua constituição invocam saberes científicos, possíveis de alcançarem locais e posições nos quais pais e mães não alcançam. Daí que o brinquedo torna-se um dispositivo que estende essa relação de investimento dos pais para outros adultos, sejam eles avós, babás, professoras, ou mesmo em sua ausência, sejam em casa, na escola, na rua, uma vez que não só os brinquedos podem ser levados a esses espaços, como há os brinquedos específicos para todas as horas, como o banho e hora de dormir.

Pensemos, pois, na arte de governar como modo de determinar condutas de modo não coercitivo, por meio de mecanismos de poder não como propriedade ou substância, mas como exercício e em relação entre indivíduos. E atentemos que eis aqui um modo de governar não restrita ao Estado. As estratégias de governo evidenciam o exercício de poder como um modo de ação de alguns sobre os outros, colocando em jogo relações entre indivíduos e grupos, existindo o poder em ato mesmo apoiado em estruturas permanentes.

Essas relações são definidas em torno da ação que age sobre a ação, seja ela eventual, futura ou presente, articulada a partir do reconhecimento de um “outro” sobre o qual a relação de poder se exerce, o qual deve ser mantido como sujeito de ação em um campo de efeitos, respostas, reações ou invenções possíveis (FOUCAULT, 1995).

É nessa perspectiva de governo que os indivíduos estabelecem relações consigo próprios a partir de práticas que acabam por funcionar como um ideal regulatório que moldam, nossas formas de viver nossa existência como seres humanos em nome de certos objetivos – masculinidade, feminilidade, honra, reserva, boa conduta, civilidade, disciplina, distinção, eficiência, harmonia, sucesso, virtude, prazer: a lista é tão diversa e heterogênea quanto interminável (ROSE, 2001).

Por meio das sutilezas da brincadeira esse tipo de brinquedo torna-se estratégico na produção de corpos úteis, utilizando-se de estratégias de saber-poder centradas nos corpos individuais, mas também voltadas à população infantil em sua totalidade, em mecanismos de poder que intervêm nas maneiras de viver, visando segurança do conjunto em relação aos seus perigos e visando a produtividade dos indivíduos.

Esse mecanismo de poder aplica-se a multiplicidade dos homens, ao homem-espécie, sem deixar de lançar mão do poder que incide sobre corpos individuais, mas a massa global que é afetada por processos de conjuntos que são próprios da vida, como a infância, são campos de intervenção, de saber e poder, do que Foucault chamou de biopolítica.

Trata-se de uma tecnologia regulamentadora, massificante que incide sobre o homem-espécie, a que Foucault (1999) chamou de “biopolítica” da espécie humana, como um conjunto de processos – como natalidade, mortalidade, fecundidade de uma população –, que, na segunda metade do século XIX, com a explosão demográfica e a industrialização, tornaram-se objetos de saber e controle. Processos esses que serão alvos da biopolítica na extração de seu saber e definição de um campo de aplicação de seu poder.

Ao comparar as duas tecnologias, Foucault (1999) formula duas séries: corpo-organismo-disciplina-instituições e população-processos biológicos-mecanismos regulamentadores-Estado. Contudo, chama a atenção para o fato de as disciplinas poderem ultrapassar o âmbito institucional, assim como as regulamentações poderem ser encontradas fora do nível estatal.

Assim, por estarem em níveis diferentes, podem ser articuladas. Articulação que não exclui técnicas e mecanismos anteriores: Não exclui a técnica disciplinar, mas que a embute, a integra e a modifica parcialmente e que, sobretudo, vai utilizá-la implantando-se de certo modo nela, e incrustando-se efetivamente graças a essa técnica disciplinar prévia. Essa nova técnica não suprime a técnica disciplinar simplesmente porque é de outro nível, está noutra escala, tem outra superfície de suporte e é auxiliada por instrumentos totalmente diferentes.

[...] A disciplina tenta reger a multiplicidade dos homens na medida em que essa multiplicidade pode e deve redundar em corpos individuais que devem ser vigiados, treinados, utilizados, eventualmente punidos. E, depois, a nova tecnologia que se instala se dirige à multiplicidade dos homens, não na medida em que eles se resumem em corpos, mas na medida em que ela forma, ao contrário, uma massa global, afetada por processos de conjunto que são próprios da vida, que são processos como o nascimento, a morte, a produção, a doença, etc. (FOUCAULT, 1999, p. 289).

A citação tem sua importância por ressaltar os pontos de articulação entre essas tecnologias de poder. Então, dela podemos extrair dois elementos importantes: o primeiro, é a integração das duas tecnologias e o segundo, diz respeito à finalidade de ambas. Enquanto a disciplina tem seu ponto de aplicação nos corpos individuais, a nova tecnologia dirige-se aos homens como espécie.

Como uma tecnologia regulamentadora da vida, das maneiras de viver, a biopolítica opera, também, por meio do investimento em capital humano, tendo os brinquedos como dispositivos privilegiados, fazendo a gestão da infância. Dizendo de outro modo, trata-se de pensar numa população em estágios da vida que forma-se como sujeitos de determinados modos.

Assim, não apenas dirige-se apenas a um bebê, propondo um determinado tipo específico de aprendizado, como por exemplo, as “boas maneiras”, mas cria normas específicas, diante dos quais todas as crianças deverão se ajustar. Os que dela se afastarem, têm diante de si todo um campo articulado de correções a realizar, em uma determinada ordem social.

Daí, pensar em termos de uma analítica do poder e saber, que se estende aos efeitos de massa, induzindo aos mecanismos regulamentadores, como os dispensados às crianças em processo de escolarização, permite controlar a um só tempo o corpo individual e da população por meio das normas sociais e das leis. Tais análises tratam, sobretudo, de mecanismos biopolíticos que gerem a vida em meio à racionalidade liberal, investindo em cada ato de modo calculado. Sob a égide neoliberal, a regulação da vida que passa por saberes como psicologia, educação e economia; estando a vida da criança calculada para que seu curso de vida possa ser constituído pela aquisição do capital humano (FOUCAULT, 2008a). Nas palavras de Foucault (2008a, p. 315):

O que vai produzir capital humano no ambiente da criança? Em que este ou aquele estímulo, esta ou aquela forma de vida, esta ou aquela relação com pais, os adultos, os outros, em que tudo isso vai poder se cristalizar em capital humano? [...] A análise dos cuidados médicos, de todas as atividades relativas à saúde dos indivíduos, que aparecem assim como elementos a partir dos quais o capital humano poderá primeiro ser melhorado, segundo ser conservado e utilizado pelo maior tempo possível.

No curso Nascimento da biopolítica (2008a) Foucault problematiza as análises econômicas feitas pelos neoliberais americanos nos anos 60-70,

quando elegeram como objetos de análise campos que não eram demarcados, como casamentos, educação de filhos. A discussão sobre a noção do homo oeconomicus foi importante na discussão neoliberal em sua conduta que implicava em uma análise econômica. Uma nova razão se formula no XVIII tendo o homo oeconomicus como elemento de base.

É neste sentido que a teoria do capital humano representa a entrada da análise econômica em campos até então não explorados, em termos econômicos. Um capital que não está dissociado de quem o detém. Aptidão para trabalho, a competência, o poder fazer algo, tudo isso não pode ser separado de quem é competente e pode fazer essa coisa. Foucault (2008a) formula críticas as noções de Estado e sociedade civil como entidades abstratas, separadas: o capitalismo depende da estatização para desenvolver-se.

Podemos pensar, então, nessa instrumentalização a serviço do desenvolvimento econômico sob a ótica neoliberal, na qual a empresa funciona como elemento de base na análise econômica. Não o indivíduo, nem processos ou mecanismos, mas empresas. Trata-se de um programa para a racionalização do neoliberalismo de uma sociedade e uma economia como uma espécie de retorno ao homo oeconomicus, o homem da troca, em uma concepção clássica da teoria da utilidade a partir da problemática das necessidades. Esse homem é um empresário de si, “sendo ele próprio seu capital, sendo para si mesmo seu produtor, sendo para si mesmo a fonte da sua renda” (FOUCAULT, 2008a, p. 311).

Considerações finais

O brinquedo, fabricado em série assim como o brincar, utilitariamente usado entram em uma engrenagem biopolítica, gerido para educar e investir em corpos de crianças com o objetivo de torná-las infância. Organizações não governamentais, institutos, fundações, associações variadas têm, articuladamente aos organismos internacionais e o Estado, têm definido o brincar, o brinquedo e a brincadeira enquanto mediadores do processo de desenvolvimento da criança, na infância.

Assim, a infância é uma maneira de conceber a criança, de administrá-la como sujeito de desenvolvimento e estimular esse processo de constituição subjetiva pela mediação dos brinquedos, das brincadeiras e do brincar. A psicologização e a psiquiatrização da criança também ocorre por um mecanismo de medicalização. Ambos entram na composição da biopolítica pela racionalidade do empreendimento e investimento da educação liberal.

Finalizando, há uma capitalização da medicalização pelo uso instrumental e sócio-técnico da brincadeira, do brinquedo e do brincar. O desenvolvimento dito infantil entra nos cálculos biopolíticos da economia neoliberal, sendo produzido como parte das engrenagens, as quais forjam o capital humano. O lúdico foi cooptado pelas artes de governar as condutas como tática do empreendedorismo neoliberal e foi constituído mediador da construção do sujeito do desenvolvimento rumo à autonomia e à educação capitalizada, de cunho empresarial.

Sobre o artigo

Recebido: 12/11/2017

Aceito: 23/12/2017

Referências bibliográficas

- ANTUNES, R. A crise o desemprego e alguns desafios atuais. **Serv. Soc. Soc.**, São Paulo, n. 104, p. 632-636, out./dez, 2010.
- ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: LTC, 1981
- BENJAMIM, W. **Reflexões sobre a criança, o brinquedo e a educação**. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2009.
- BROUGÈRE, G. **Brinquedo e cultura**. São Paulo: Cortez, 2008.
- DORNELLES, L.V. **Infâncias que nos escapam: da criança na rua à criança cyber**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.
- FOUCAULT, M. O sujeito e o poder. In: DREYFUS, H.; RABINOW, P. **Michel Foucault, uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica**. Rio de Janeiro: Forense, 1995, p. 231- 239.
- FOUCAULT, M. **Em defesa da sociedade: curso no Collège de France (1975/1976)**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.
- FOUCAULT, M. **O poder psiquiátrico**. São Paulo: Martins Fontes, 2006b.
- FOUCAULT, M. **Nascimento da biopolítica**. São Paulo: Martins Fontes, 2008a.
- FOUCAULT, M. **Vigiar e Punir: nascimento da prisão**. 35a. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008b.
- FOUCAULT, M. **Microfísica do poder**. 25^a. ed. Rio de Janeiro: Graal, 2012.
- FRIGOTTO, G. **A produtividade da escola improdutiva. Um (re) exame das relações entre educação e estrutura econômico-social capitalista**. 3a. ed. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1989.
- GONDRA, J.; GARCIA, I. A arte de endurecer “miolos moles e cérebros brandos”: na racionalidade médico-higiênica e a construção social da infância. **Revista Brasileira de Educação**. Campinas, n.26, p. 69-84, maio/Jun/Jul/Ago n. 26, 2004.
- GOUVÊA, M.C.S. Estudos sobre desenvolvimento humano no século XIX da Biologia à Psicogenia. **Cadernos de Pesquisa**, v. 38, n.134, p.535-557, maio/Ago, 2008.
- LEMONS, F.C.S. A apropriação do brincar como instrumento de disciplina e controle das crianças. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, UERJ, RJ, v. 7, n. 1, p. 71-81, abr 2007.
- MACHADO, R. As genealogias. In: MACHADO, R. **Foucault, a ciência e o saber**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006, p. 167-186.
- ROSE, N. Como se deve fazer a história do eu. **Educação e Realidade**. Porto Alegre. V. 26, N. 01. pp. 33-57, jun/jul 2001.